

13 DEZ 1993

Aluno problema

Educação
ESTADO DE SÃO PAULO

Quando tudo vai mal na escola, de quem é a culpa? Da criança que não se concentra, prejudicando tanto seu aprendizado quanto o ambiente escolar? Ou da escola, incapaz de lidar com a criança diferente do padrão para o qual seus profissionais estão treinados? Estudo do professor e psicólogo da Universidade de São Paulo Yves De La Taille, feito num universo de cerca de 500 crianças, encontrou um ponto de equilíbrio entre essas duas explicações de uma realidade especialmente preocupante. O pai e a escola, cada um a seu modo, dividem uma mesma ineficiência; perderam o sentido do que é educar.

Não se sabe bem em nome do que, muitos pais não alertam os filhos para o fato de que, gostando ou não da escola (e de suas regras), estão na sala de aula para estudar. Cabe ao pai "recordar" à

criança que escola doce é presente de Papai Noel... Seria ilusão acreditar, afirma La Taille, que todas as crianças possuem "noção das obrigações que têm". Ele lembra ainda que a disposição para o estudo no mundo infantil nem sempre é a melhor possível, porque as crianças também "têm preguiça". É fato que há pais que nunca discutem a eficácia da escola como instituição incapaz de lidar com o aluno diferente do modelo que construiu. Nesse caso, afirma o psicólogo, está o pai que monta toda uma "rede de controle" composta de orientadores, psicopedagogos e outros profissionais para vigiar em tempo integral a criança "problema". O desastre se amplia e a privacidade da criança é devassada sem o menor cuidado.

A solução para a criança *difícil* pode estar no fim do que La Taille chama de "moral ambígua". Impor

grandes limites ao filho, desfiar uma catilinária moralista e, depois, avançar no farol vermelho, jogar lixo em qualquer lugar, porque enfim é "mais cômodo", cria uma perigosa percepção gelatinosa do que é proibido ou permitido. A criança que vê o pai ou a mãe estacionar em fila dupla, humilhar o guarda de trânsito com a "autoridade" de quem é amigo do rei, essa criança respeita quais limites? O mesmo vale para

a instituição escola: passar, por razões de marketing, a imagem de escola *diferente*, onde tudo pode porque é uma "grande família" e, quando algo dá errado, decretar que o caso é "patológico" (e como tal deve ser tratado em um "depar-

tamento fora da escola idealizada"), é omitir-se da responsabilidade de educar. O aluno "*difícil*" passa a ser um problema do psicopedagogo e não da escola que não sabe criar para ele nenhum desafio novo, nenhuma alternativa criativa fora do modelo estipulado.

**É preciso que pai e
escola saibam
compreender o
universo do aluno
reputado
"diferente"**

fugiram da realidade lembrando que a escola privada era "*diferente*", embora os resultados educacionais fossem praticamente iguais. O estudo de La Taille desmistifica mais um pouco essa diferença.